

SHORT COMMUNICATION

A EMERGÊNCIA DE UMA CONTRA-HEGEMONIA DO SABER: POR UMA CIÊNCIA
VERDADEIRAMENTE AUTÔNOMA E HOLÍSTICA

SULIMAN SADY DE SOUZA

Av. Rio Grande do Sul, 1345 Evolution Business Center, 307, 308, 309 - Estados, João Pessoa - PB, 58030-021. E-mail: sulimansady@gmail.com**1. INTRODUÇÃO**

A humanidade vive hoje sob a égide do conhecimento científico, embora não se ignore a existência de outras fontes de saberes, como: o filosófico, o religioso e, inclusive, o popular. Porém é a ciência a responsável por apresentar incontestes “verdades” de toda ordem. A sua legitimação enquanto fonte do conhecimento advém necessariamente do modo de produção que se enraizou na lógica de funcionamento global desde a fase mercantilista do capitalismo até o seu estágio atual, o do capitalismo financeiro.

A ciência, sem dúvida alguma, exerce a função de oferecer respostas a tudo (ou quase tudo) àquilo que se apresenta como preocupação ao homem. Ela busca responder às inquietações inerentes ao ser humano, mas há muito tais respostas tem deixado a desejar, mostram-se incompletas. Não à toa, está em marcha um movimento que advoga por significativas alterações nos pilares que sustentam a ciência. É chegado o momento dela mesmo voltar-se para si e lançar-se em uma busca da sua própria ontologia. O conhecimento científico necessita urgentemente se redescobrir e, quiçá, se reinventar com o intuito maior de romper com a sua condição que, para muitos, caracteriza-se por um auto-aprisionamento.

A libertação dessa ciência presa a amarras seculares constitui-se naquilo que se propõe a debater daqui em diante e, em um primeiro momento, buscar-se-á refletir o quão este saber científico carece de uma efetiva autonomia. Mais adiante, objetiva-se discutir um novo paradigma científico

com vistas à superação do *status quo* vigente e de que como essa nova realidade pode contribuir com avanços mais significativos em prol de uma totalidade que permita apontar-se para um mundo mais justo e equilibrado em suas distintas esferas. Por seu turno, deseja-se compreender como a Geografia tem se inserido nesse debate paradigmático e quais possíveis contribuições e limitações esse ramo científico tem experienciado.

2. CIÊNCIA / SABER AUTÔNOMO

Raiz de toda a conformação do atual modelo de sociedade, o capitalismo é mais uma vez evidenciado como o elo envolvente entre todas as dimensões sociais. Entendido como o modelo produtivo que conserva em sua essência a materialização das desigualdades, sejam elas sociais ou econômicas, e que isso resulta em processos dialéticos onde as partes que compõem a universalidade estão em constante estado de fricção, o capitalismo atual e sua forma pretérita (o mercantilismo) é para Boaventura de Sousa Santos o ponto de partida para uma reflexão acerca de como a ciência moderna tem se comportado desde a sua consolidação enquanto tal até a contemporaneidade. E já no prefácio de sua destacada obra *Epistemologias do Sul*, ele não deixa margem para qualquer dúvida sobre o seu alvo:

não há epistemologias neutras e as que reclamam sê-lo são as menos neutras; segundo, que a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais. É à luz delas que importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das

epistemologias dominantes. O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS, 2009, p. 5).

De acordo com Oliveira (2011, p. 194), o cerne do debate travado por Boaventura de Sousa Santos reside no seguinte questionamento: “No conjunto das ciências sociais e nas fronteiras filosóficas da produção do conhecimento como dimensão intelectual dos homens atuais, como pode ser redimensionado este tipo de “valor social” para além da influência monopolizadora do pensamento europeu?”. Essa preocupação remete à condição hegemônica cultural do Norte, que busca ampliar, ou melhor, impor seus valores para as demais regiões do planisfério terrestre, o Sul. Tem-se, então, nas palavras de Tavares (2009, p. 184), o “Norte imperial, colonial e neocolonial” e, em oposição ontológica, no outro lado da linha que configura um “sistema de distinções visíveis e invisíveis”, “o Sul colonizado, silenciado e oprimido”. Para Santos (2009, p. 24) há algo de abissal nessa relação Norte X Sul, pois é impossível a coexistência dos dois lados antagônicos aqui apresentados. Tavares (2009, p. 184) sintetiza essa dualidade antropológica e ética opondo de um lado “os seres humanos do Norte” e, do outro, “a ausência de humanidade no Sul”.

O que Boaventura de Sousa Santos defende consiste na superação desse limite abissal, apontando para um estágio pós-abissal, a partir de “uma ecologia de saberes, uma espécie de contra-epistemologia, que nega a existência de uma epistemologia geral e se baseia no reconhecimento de uma pluralidade de conhecimentos heterogêneos que se cruzam entre si” (TAVARES, 2009, p. 184). Afinal, sustenta Tavares (2009, p. 185), “ninguém está geneticamente destinado a ser dominador ou dominado. As categorias

sociais são produtos histórico-sociais e, simultaneamente, mecanismos do poder tendo em vista a sua reprodução e perpetuação”.

O autor de Epistemologias do Sul, assim, supera esse embate oferecendo como alternativa a já anteriormente “ecologia de saberes”, que:

assenta na ideia pragmática de que é necessária uma reavaliação das intervenções concretas na sociedade e na natureza que os diferentes conhecimentos proporcionam. Centra-se pois nas relações entre saberes, nas hierarquias que se geram entre eles, uma vez que nenhuma prática concreta seria possível sem essas hierarquias. No entanto, em vez de subscrever uma hierarquia única, universal e abstrata entre os saberes, estabelece hierarquias em conformidade com o contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber. Hierarquias concretas emergem do valor relativo de intervenções alternativas no mundo real. Entre os diferentes tipos de intervenção pode existir complementaridade ou contradição. Sempre que há intervenções no real que em princípio podem ser levadas a cabo por diferentes sistemas de conhecimento, as escolhas concretas das formas de conhecimento a privilegiar devem ser informadas pelo princípio da prudência, que no contexto da ecologia de saberes consiste em dar preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação possível dos grupos sociais envolvidos na concepção, execução, controle e fruição da intervenção (SANTOS, 2010, P. 90).

Dessa forma, percebe-se a possibilidade de uma emancipação do saber científico e nessa onda epistêmica outros autores, assim como o mesmo Boaventura de Sousa Santos, formatam uma proposta que, se efetivada, pode dar novos rumos ao saber científico, revestido de um holismo que lhe proporcione um significado mais sólido.

3. CIÊNCIA / SABER HOLÍSTICO

No filme “Ponto de Mutação”, de 1990, Fritjof Capra, combate o pensamento cartesiano por conta de sua natureza reducionista, sendo ele um método científico forjado nos últimos séculos. Essa posição fica ainda mais nítida quando o próprio Capra diz que:

Durante dois séculos e meio, os físicos se utilizaram de uma visão mecanicista do mundo para desenvolver e refinar a estrutura conceitual do que é conhecida como física clássica. Basearam suas ideias na teoria matemática de Isaac Newton, na filosofia de René Descartes e na metodologia científica de Francis Bacon, e desenvolveram-na de acordo com a concepção geral de realidade predominante nos séculos XVII, XVIII e XIX. Pensava-se que a matéria era a base de toda a existência, e o mundo material era visto como uma profusão de objetos separados, montados numa gigantesca máquina. Tal como as máquinas construídas por seres humanos, achava-se que a máquina cósmica também consistia em peças elementares. Por conseguinte, acreditava-se que os fenômenos complexos podiam ser sempre entendidos desde que se os reduzisse a seus componentes básicos e se investigasse os mecanismos através dos quais esses componentes interagem. Essa atitude, conhecida como reducionismo, ficou tão profundamente arraigada em nossa cultura, que tem sido frequentemente identificada com o método científico. As outras ciências aceitaram os pontos de vista mecanicista e reducionista da física clássica como descrição correta da realidade, adotando-os como modelos para suas próprias teorias. Os psicólogos, sociólogos e economistas, ao tentarem ser científicos, sempre se voltaram naturalmente para os conceitos básicos da física newtoniana (CAPRA, 1982, p.37).

Mas antes de Descartes tinha acontecido todo o século XVI, que a história da filosofia moderna centro-europeia e norte-americana pretendeu desconhecer até o presente (CAPRA, 1982, p. 295). A irrupção nas universidades de uma Ordem religiosa completamente *moderna* – não simplesmente por estar influenciada pela modernidade mas, sim, por ser *uma das causas intrínsecas* – , os jesuítas, impulsiona os primeiros passos de uma filosofia moderna na Europa (CAPRA, 1982, p. 299). Capra (1982, p. 331) não vê, portanto, Descartes como símbolo da modernidade fundante, o coloca, junto com Espinosa, no rol do que ele nomeia de segunda modernidade. Santos (2010) vai além e sugere uma incursão no pensamento de Felipe Guaman de Ayala, “exemplo de um senso crítico da situação colonial, de um indígena que sofreu os efeitos da dominação. Propõe, finalmente,

que se inicie, também, um processo de descolonização filosófica” (SANTOS, 2010, p. 331). “Interessante, também, a referência a Bartolomeu de las Casas e ao seu pensamento (1484-1566) como o primeiro crítico frontal da modernidade e como defensor intransigente de outras formas de pensar e de ver o mundo, diferentes do pensamento filosófico hegemônico” (TAVARES, 2009, p. 188).

Quem também combate a fragmentação do conhecimento, engavetado em disciplinas é Edgar Morin em sua obra *A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*. Para ele o conjunto dos complexos, as interações e retroações entre partes e todo, as entidades multidimensionais e os problemas essenciais encontram-se cada vez mais envoltos por uma invisibilidade que tem como causa a hiperespecialização do saber, o que impossibilita perceber a essência e a visão global da realidade que se objetiva estudar. Há, portanto, uma “inadequação cada vez mais ampla e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários” (Morin, 2003b, p. 13).

Em *O Método*, o referido autor reforça a sua percepção relativa ao esfacelamento científico:

A aventura da física clássica pode e deve ser vista sob o ângulo da sua admirável ambição: isolar os fenômenos, as suas causas e os seus efeitos, arrancar à natureza os seus segredos; experimentar, para substituir a afirmação e a racionalização pela prova e pela verificação. Mas, durante o percurso, operaram-se deslizos e permutações de finalidades: o meio – a manipulação – tornou-se também o fim e, ao manipular para experimentar, experimentou-se para manipular; os subprodutos do desenvolvimento científico – as técnicas – tornaram-se os produtos socialmente principais. Ao arrancar à natureza os seus segredos, a física desnaturou o universo, tornaram-se motores fundamentais da investigação e da explicação, ocultando tudo o que não será simplificável, isto é, aquilo que é desordem e organização.

O princípio de simplificação reinou no universo. As coisas foram totalmente e por princípio isoladas do seu meio e do seu observador, ambos privados de toda a existência, que seria perturbadora. A concordância das observações eliminou o observador, e o isolamento experimental eliminou o meio perturbador. As coisas tornaram-se objetivas: objetos inertes, imóveis, inorganizados, *corpos* movidos sempre por leis exteriores. Tais objetos, privados de formas, de organização, de singularidade são, a este grau de abstração, terrivelmente irrealis; mas podemos capturá-los, através da medida e da experiência, e esta ação é terrivelmente real.

A simplificação progrediu através de reduções múltiplas e sucessivas; a ideia de corpo reduziu-se à ideia de matéria, que se tornou a substância do mundo físico, quando se trata dum aspecto, dum momento coisificado da *physys*, sempre ligado à organização (as partículas isoladas são apenas materiais). Finalmente, a matéria foi reduzida à unidade considerada elementar, última e inseparável: o átomo. No fim do século XIX, o universo físico encontra-se homogêneo, atomizado, anonimizado (MORIN, 2003a, p. 333-334).

Mais adiante, Morin (2003a, p. 334) resume toda a sua visão referente a epistemologia científica:

Ora, este universo em migalhas está hoje em crise. Este universo objetivo perdeu os seus objetos primeiros, que se diluíram no caos microfísico; este universo homogêneo perdeu a sua unidade, anda à deriva em três continentes, sem nenhuma comunicação conceitual, o universo megafísico por um lado, o universo microfísico por outro lado e, entre os dois, como sobre um tapete voador, agora privado de todas as bases, à banda média, a escala das nossas percepções e observações. Este universo material perdeu o seu fundamento. Assim, a ciência soberana não só desintegrou a natureza e a *physys*, mas também desintegrou o seu próprio terreno, conhece fórmulas matemáticas. Mas continua a progredir na manipulação. Assim, a enorme crise da visão do mundo é ocultada pelo enorme êxito da *práxis* científica (MORIN, 2003a, p. 333-334).

As palavras de Leff (2002, p. 161) corroboram com o que até o presente foi exposto e, na visão desse estudioso gera-se uma incompreensão e uma ausência de conteúdo no tocante ao conhecimento resultante de uma fragmentação analítica que intenciona adentrar nos entes, separando a articulação orgânica que lhes

dá completude, que “sem saber, sem intenção expressa, gera uma sinergia negativa, um círculo vicioso de degradação ambiental”. Mas é Enrique Leff que direciona para um novo paradigma que tem como propósito a suplantação dessa perspectiva de um saber das partes e não do todo por completo.

De acordo com Leff:

A pedagogia da complexidade ambiental reconhece que *apreender o mundo* parte do ser de cada sujeito, de seu ser humano; essa aprendizagem consiste em um processo dialógico que transborda toda racionalidade comunicativa construída sobre a base de um possível consenso de sentidos e verdades (Leff, 2009, p. 20).

Para Leff, a epistemologia ambiental não se alinha com a sobrevivência, a vida cotidiana ou com o conformismo; ela liga-se a uma “educação embasada na imaginação criativa e na visão prospectiva de uma utopia fundada na construção de um novo saber e de uma nova racionalidade, no desencadeamento dos potenciais da natureza, na fecundidade do desejo e na ação solidária” (LEFF, 2009, p. 20). Já em Morin a mudança paradigmática transita por uma reforma de pensamento, que consiste numa necessidade histórica fundamental. O autor ainda considera que:

Hoje somos vítimas de dois tipos de pensamento fechado: primeiro, o pensamento fracionário da tecnologia burocratizada, que corta, como fatias de salame, o complexo tecido do real; segundo, o pensamento cada vez mais fechado, voltado para a etnia ou a nação, que recorta, como um puzzle, o tecido da Terra-Pátria. Precisamos, pois, estar intelectualmente rearmados, começar a pensar a complexidade, enfrentar os desafios da agonia/nascimento de nosso entre-dois-milênios e tentar pensar os problemas da humanidade na área planetária (MORIN, 2003a, p. 104).

E conclui: “essa é uma reforma vital para os cidadãos do novo milênio, que permitirá o pleno uso de suas aptidões mentais e constituiria não, certamente, a única condição, mas uma condição *sine qua non* para sairmos de nossa barbárie” (MORIN, 2003a, p. 104).

No tocante a Capra (1982), faz-se imperioso lançar um olhar ao todo como indissociável, pois o organismo não pode ser compreendido através das partes esquartejadas do seu corpo. Essa reflexão, para ele, se aplica a diversas ciências, tais como a biologia, a psicologia, a medicina e a economia. O modelo de ciência defendido por Capra corresponde àquele centrado no sistemismo, ou seja, numa ciência holística.

De volta a Boaventura de Sousa Santos, o mesmo pode se dizer a seu respeito quanto à percepção de saber científico presente em seu discurso. Com base no conceito de *ubuntu*, “categoria epistêmica e ontológica do pensamento dos grupos africanos que falam línguas Bantu, que significa ser em geral, relações interpessoais e procura de uma harmonia cósmica” (TAVARES, 2009, p. 186), ele – Boaventura de Sousa Santos – sugere uma possibilidade epistemológica que venha a resultar num diferente sentido para a vida humana, no qual esteja assegurada uma reflexão dos direitos humanos pautada numa visão holística. Todavia, isso somente se materializará pela via da valorização das pessoas e das relações entre elas e com o cosmos.

4. A GEOGRAFIA EM UM CONTEXTO PARADIGMÁTICO AINDA EM MUTAÇÃO

Capra (1982), como já dito, propõe o paradigma holista a algumas ciências (medicina, economia, biologia e psicologia), entretanto há que se questionar se essa perspectiva do saber se aplica, também, a outras ciências, como a Geografia, por exemplo. Na verdade, a incorporação dessa apreensão da realidade pela Geografia através do sistemismo já é algo verificado e consolidado, pelo menos no que se refere ao campo de atuação da Geografia Física. Aliás, Nascimento e Sampaio conceituam a Geografia Física como sendo:

o estudo espacial dos geossistemas, de vez que essa organização se expressa pela estrutura

conferida pela distribuição e arranjo espacial dos elementos que compõem o universo do sistema, os quais são resultantes da dinâmica dos processos atuantes e das relações entre os elementos (NASCIMENTO e SAMPAIO, 2004/2005, p. 167).

Vê-se que no âmbito da Geografia o sistema assume a denominação de geossistema e que essa vertente não é uma recente novidade na epistemologia geográfica. Neves et al. (2014, p. 274) lembram que a expressão geossistema adentra na literatura geográfica soviética no pós-Segunda Guerra Mundial, no início dos anos 1960, e incorpora uma condição de método com Victor Sotchava. O geógrafo soviético estabeleceu uma proposta metodológica, um método de pesquisa, baseado em estudos conectados dos sistemas naturais e humanos em um determinado recorte do espaço. Neves et al. (2014, p. 275) expõem que para Sotchava: “os geossistemas são apresentados através de axiomas, por meio de uma hierarquia estrutural dividida em ordem dimensional, onde se destacam os níveis planetário, regional e topológico, divididos entre geômeros e geócoros em relação de interdependência”. Para Sotchava (1978 *apud* Neves et al. 2014):

nas áreas homogêneas ocorrem as biogeocenoses (geômeros elementares), sendo estas os pontos de partida para classificação dos geossistemas, bem como áreas diferenciadas (geócoros elementares) que asseguram um mínimo de ligações para a existência dos geossistemas.

Diferenciando-se de Sotchava, com enfoque que busca aproximar o homem da natureza, Bertrand, em 1968, segundo Neves et al., conceitua o geossistema evidenciando:

a relevância da ação e dinâmica antrópica na modificação da paisagem, especialmente ao criar taxonomias para a delimitação das unidades de paisagem global, destacando as zonas superiores (Zona, Domínio e Região) e as zonas inferiores (Geossistema, Geofácia e Geótopo), estas de forte alteração antrópica, tendo por base as propostas de Tricart, Cailleux e Viers para o relevo, Max Sorre referente ao clima, e Brunet para as unidades valoradas pelo homem (NEVES et al., 2014, p.276).

Embora o método geossistêmico configure-se como uma via consolidada da análise geográfica, Amorim traz algumas considerações extremamente pertinentes:

A partir da década de 1970, das escolas de pensamento da Geografia que tem o materialismo histórico dialético e a fenomenologia, desenvolveu propostas teóricas que desenvolveram mais a pesquisa e a compreensão dos fenômenos sociais, dando a Geografia um caráter essencialmente humano, criticando as contribuições de análise propostas pela Geografia Quantitativa, por fazer suas análises baseadas num positivismo lógico. Considerando ambiente como produto da relação dialética e holística entre os atributos naturais e os aspectos socioeconômicos, verifica-se que nenhuma das correntes de pensamento geográfico, de fato, atingiu o objetivo de construir um corpo teórico-conceitual para uma análise geográfica da temática ambiental (AMORIM, 2012, p. 99).

Observa-se, portanto, que a Geografia se insere realmente dentro dessa perspectiva paradigmática, contudo, tal inserção precisa ser relativizada. No ramo da Geografia Física o olhar holístico se coloca de modo mais cristalizado, enquanto que nos estudos que permeiam a Geografia Humana isso ainda é praticamente uma irrealdade. Outra questão que remete à ciência geográfica e sua relação com o sistemismo é a dicotomia que opõe esses dois principais ramos geográficos: o da Geografia Física e o da Geografia Humana. Ora, se pretende-se tratar da ciência pelo viés de um olhar mais abrangente, por que permanecer com esse dualismo que vem marcando o conhecimento geográfico ao longo de sua própria existência?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência enquanto principal fonte de saber legitimado na contemporaneidade, ao mesmo tempo que tem servido aos interesses do modelo produtivo hegemônico, perde a chance de contribuir substancialmente com o homem e consigo mesma, pois seus passos rumo a uma compreensão da totalidade estudada ainda se mostram muito aquém de um estágio mais avançado que se pretende alcançar.

Persistem as gavetas de onde se aciona tal ciência que, em separado, permanece nessa condição para dar respostas a um contexto cada vez mais integrado. Nesse sentido, identifica-se uma dada limitação do saber científico.

Romper com a lógica dominante, a de uma ciência fragmentada, pode representar uma verdadeira revolução, conduzindo o homem a um patamar mais elevado quando considera-se os avanços da ciência. A pedagogia da complexidade ambiental de Leff, o conceito de *ubuntu* em *Epistemologias do Sul* de Boaventura de Sousa Santos, a ruptura dos dois tipos de pensamento fechados citados por Morin e o holismo defendido por Capra constituem-se em caminhos a serem percorridos se aqui se pretende afirmar uma ciência verdadeira autônoma, capaz de servir a uma totalidade, sem imposição de linhas abissais.

A Geografia, por sua vez, tendo dado seus consistentes passos numa perspectiva holística, precisa continuar insistindo em ampliar esse movimento, pois do contrário tamanho esforço até o presente empreendido terá pouca valia. Lidar com sua dicotomia entre o que é físico e o que é humano, ao que parece, evidencia-se como o mais urgente desafio a ser superado pela ciência geográfica em seu campo epistemológico. Será com a suplantação desse dualismo que muito provavelmente a Geografia consiga se efetivar como a ciência que melhor domina a relação homem e meio.

6. REFERÊNCIAS

- AMORIM, R. R. Um novo olhar na geografia para os conceitos e aplicações de geossistemas, sistemas antrópicos e sistemas ambientais. Uberlândia: Caminhos de Geografia, v. 13, n. 41, 2012, p. 80-101.
- CAPRA, F. O ponto de mutação - a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

LEFF, E. Saber Ambiental: do conhecimento interdisciplinar ao diálogo de saberes. *In*: LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 159-190.

_____. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. *Educação & Realidade*, v. 34, 2009, p. 17-24.

MORIN, E. O Método – 1. A Natureza da Natureza. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2. ed., 2003a.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento (Tradução Eloá Jacobina). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 8. ed., 2003b.

NASCIMENTO, F. R. do; SAMPAIO, J. L. F. Geografia Física, Geossistemas e Estudos Integrados da Paisagem. Sobral: Revista da Casa da Geografia de Sobral, v. 6/7, n. 1, 2004/2005, p. 167-179.

NEVES, C. E. das. et al. A importância dos geossistemas na pesquisa geográfica: uma análise a partir da correlação com o ecossistema. Uberlândia: Revista Soc. & Nat., 2014, p: 271-285.

OLIVEIRA, A. C. de. Resenha de “Epistemologias do Sul”. SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *In*: Revista Espaço Acadêmico, 2011, p. 194-197.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: _____; MENESES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul: Editora Cortez, 2010.

TAVARES, M. Resenha de “Epistemologias do Sul”. SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *In*: Revista Lusófona de Educação, 2009, p. 183-189.

Filme:

O ponto de mutação. Direção de Bernt Amadeus Capra. Estados Unidos da América: Bantam, 1982. ISBN 0-553-34572-9.

Submetido em 18/01/2023

Aceito em 23/02/2023